

VELA

As gêmeas Priscila e Sabrina seguem exemplo na família e querem investir na carreira de velejadoras. Planos para 2008 incluem a disputa de três competições, entre as quais, o Mundial da classe snipe

Nos passos do pai

ENEILA REIS
DA EQUIPE DO CORREIO

O gosto pela vela vem de família. Inspiradas no exemplo do pai, Cezar Augusto da Silva Castro, um exímio velejador, elas são do tipo de atletas que, se conseguirem patrocínio para ter material de ponta no barco, em breve poderão dar trabalho para muito marmanjo.

Há apenas oito meses juntas na categoria snipe (embarcação para duas pessoas), as gêmeas Priscila e Sabrina Van Der Broocke de Castro, 17 anos, já demonstram grande potencial. Depois do Campeonato do DF, no qual ficou em 10º lugar entre 22 barcos, a única dupla feminina da classe em Brasília também conseguiu o sexto lugar geral na Regata JK. As irmãs ainda obtiveram a quarta colocação na Taça Álvaro Alberto Sampaio. Nesta última, Priscila e Sabrina foram campeãs em uma das três regatas, superando veteranos da modalidade.

Dedicadas — sempre que podem estão treinando no Lago Paranoá — as gêmeas de olhos azuis esperam pelo menos ganhar mais uma prova neste final de semana. Elas vão disputar na raia norte, em frente ao Iate Clube, o Campeonato da Flotilha snipe, com sete regatas valendo pontos para o ranking nacional. No sábado, as disputas começam às 14h e no domingo, às 9h30.

“Nós temos melhorado, mas começamos agora. O bom é que estamos conseguindo acompanhar os outros velejadores e muitos têm uns 20 anos de vela. Às vezes, contornamos até uma bóia na frente deles”, disse Sabrina. “O bom é que também competimos em barcos de oceano com o nosso pai, e ele nos passa muito da regra, da técnica e da tática do esporte. Temos ajuda também do nosso tio Rommel Castro, que nos deu o barco de presente, e do velejador Jorge Baldez, um ótimo proeiro”, completou Priscila, que tem a mesma função no barco.

Na opinião de Cezar Castro, suas filhas realmente têm evoluído. “Não falo como pai, mas como atleta e técnico: as duas possuem grande potencial. Se elas se dedicarem como estão fazendo terão um futuro brilhante na vela”, avaliou. “Tenho apoiado as duas na parte técnica. Dou dicas e passo algumas malandragens que a gente que está há muito tempo no esporte conhece. Nas disputas de oceano que fizemos comigo elas foram acima da média.”

As jovens velejadoras querem se profissionalizar, mas precisam de patrocínio. Mesmo assim, já sonham com três competições importantes no próximo ano: os campeonatos Brasileiro e Sul-Americano e o Mundial de snipe.

À parte os planos no esporte, as gêmeas

CarlosVieira/CB



PRISCILA (E) E SABRINA ALIMENTAM O SONHO DA PROFISSIONALIZAÇÃO, MAS PRECISAM DE PATROCÍNIO: AMBIÇÃO DE DISPUTAR UMA REGATA DE VOLTA AO MUNDO

EXEMPLO DE SUCESSO

Desde os 3 anos de idade, Branca e sua irmã gêmea, Beatriz Feres, praticavam natação e ginástica rítmica no Clube da Tijuca, no Rio de Janeiro. O fato de serem idênticas chamou a atenção dos treinadores do nado sincronizado, que sugeriram à dupla a mudança de modalidade. Aos 7 anos, elas se convenceram da ideia e abandonaram os outros dois esportes. A trajetória de Branca é idêntica à de Beatriz. As duas

conquistaram o primeiro título pela seleção juvenil no dueto e equipe, no Sul-Americano da categoria, em 2003. Em 2004, participaram do Mundial Júnior de Moscou, sendo finalistas na equipe, com um 11º lugar, e na rotina livre combinada, com uma nona colocação. Em 2006, foram campeãs sul-americanas absolutas. Entre outras conquistas, as gêmeas tiveram participação expressiva nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio, quando ajudaram a equipe brasileira a ganhar a medalha de bronze.

Salvador Scofano/Agência O Globo - 17/4/07



ninas velejando. Logo começaram a crescer e a ficar pesadas para o tamanho da embarcação.

Foi aí que, em 2004, Sabrina resolveu experimentar alguns barcos como o da classe Europa. Priscila, por sua vez, optou por velejar de proeira no barco 470 para a paulista Mariana Bazílio, que tinha se mudado para a cidade. Depois de um ano, no entanto, a amiga foi morar no Rio de Janeiro e Priscila parou de competir.

Em 2005 e 2006, as irmãs fizeram algumas regatas de oceano. Priscila ainda disputou provas de snipe ao lado do pai. Porém, foi em 2007 que elas voltaram a unir forças na vela e garantiram que não querem parar tão cedo.

“Pensamos em um degrau de cada vez, mas um dia quero chegar a uma regata de Volta ao Mundo. Deve ser uma adrenalina louca. Eu sou guerreira que nem o time do Flamengo”, disse a proeira, acrescentando que sempre chega na frente, já que está na proa. “Já minha irmã é Vasco...”, concluiu, bem-humorada.

não descuidam das responsabilidades. Os estudos caminham lado a lado com a vontade de serem grandes atletas. “Se dependesse só de nós íamos para a água todos os dias. Mas meus pais cobram o estudo. Estamos no terceiro ano do ensino médio e logo teremos vestibular”, lembrou a determinada Sabrina. As irmãs querem fazer educação física, porém Priscila admitiu

que pode optar pelo curso de direito, igual à irmã mais velha, Bárbara.

Carreira

As irmãs Van Der Broocke de Castro brincam que gostam de velejar desde que sua mãe, Hezira Castro, estava grávida. “Ela conta que velejava com meu pai com a gente na barriga. De-

pois, quando nascemos, eles nos levavam aos passeios de barco. Aos cinco anos, brincávamos com um optimist (barco escola) e aos seis anos entramos para a escolinha da categoria”, recordou Priscila.

Sorridentes, as gêmeas lembraram que, quando resolveram investir sério na classe, em Brasília, não havia muitas me-

ATLETISMO

Vidal Cavalcante/AE - 31/12/06



LUCÉLIA (D) VENCEU A SÃO SILVESTRE NO ANO PASSADO. MARIZETE FOI A QUINTA COLOCADA

Tudo pela São Silvestre

DA REDAÇÃO

A reta final do calendário das atletas de elite Lucélia Peres, 26 anos, e Marizete Moreira, 32, já começou. A pouco mais de um mês da Volta da Pampulha, prova marcada para 2 de dezembro, em Belo Horizonte, Lucélia segue uma rotina rigorosa de preparação. Natural de Paracatu, ela mora em Brasília desde os 3 anos de idade. Os treinos são divididos entre a cidade do Paranoá e o Centro Interescolar de Educação Física (Cief), na 712 Sul. Ainda no mês de dezembro, no último dia do ano, as duas atletas candangas planejam disputar a tradicional Corrida de São Silvestre, em São Paulo.

Tricampeã da Volta da Pampulha (2004, 2005 e 2006), Lucélia espera conquistar o tetra nos quase 18km de prova. “Estou em fase avançada, treinando forte mesmo. Me sinto bem e quero defender meu título.” Apesar de pensar em cada prova de uma vez e não gostar de pular etapas de planejamento, Lucélia não esconde a expectativa para a São Silvestre (15km).

“Seria muito bom me tornar a pri-

meira brasileira a ganhar duas vezes em São Paulo”, revela Lucélia, atual campeã da mais importante corrida de rua do país. Em 2004, ela bateu na trave e ficou com o segundo lugar. No ano seguinte, terminou na quinta posição. Finalmente, em 2006, subiu ao alto do pódio, com o tempo de 51min24. Entre as brasileiras campeãs da São Silvestre, a marca registrada por Lucélia foi a segunda melhor. A primeira pertence à também brasiliense Carmem de Oliveira — hoje presidente da Federação de Atletismo do DF —, vencedora em 1995, com 50min53.

Para enfrentar os dois desafios, a semana de Lucélia (Petrobras/Upis/Mizuno) tem “12 dias”. A atleta treina de segunda a sexta, quatro horas diárias, pela manhã e à tarde. Nos finais de semana, reduz o trabalho para apenas um turno. Edilberto Barros, técnico de Lucélia, considera que a corredora está no ápice da carreira. “Ela vive um período de maturidade física e psicológica. Apesar de a São Silvestre ser a prova mais dura da América do Sul, ela tem muitas chances”, avalia.

O objetivo de Lucélia é chegar bem

preparada a 2008. Além de tentar os índices olímpicos nos 5.000m e 10.000m, a atleta pretende estrear na maratona (42,195km) em busca da marca de 2h40min. “Meu sonho é representar o Brasil nas Olimpíadas. Quero muito conseguir.”

Expectativa

Outra atleta que sonha com os Jogos de Pequim é Marizete Moreira dos Santos. Baiana de nascimento, mora em Brasília há 10 anos. Líder do ranking brasileiro de maratona, ela corre o risco de ficar fora das provas da Pampulha e de São Silvestre. No início de outubro, sofreu uma contusão no tendão-de-aquiles esquerdo.

Para tratar a tendinite e ao mesmo tempo manter o condicionamento, Marizete (Mizuno/Caixa Econômica) faz trabalhos dentro d'água, diariamente, por cerca de quatro horas. “Meu objetivo é curar a lesão a tempo de competir em dezembro. Tenho esperanças.” No ano passado, a corredora chegou em quarto lugar na Volta da Pampulha e na quinta colocação da São Silvestre.